

À Biblioteca Pública de Braga

TEMPO LIVRE

23
MARÇO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - A M A R E S

A CRIANÇA

Um dos problemas que na verdade se impõem à consideração do mundo civilizado, exigindo a cooperação de pedagogos, filantropos, higienistas e homens de acção, é sem sombra de dúvida o da protecção à infância.

Para o solucionar convenientemente é preciso que todos tenhamos gravado na memória e no coração os direitos a que a criança tem jus.

Desde o berço, tem a criança o direito de se desenvolver dum modo completo, física e espiritualmente.

Uma alimentação adequada é também uma das bases para tornar possível uma geração sadia. Algumas mães pensam que a pretexto do bebé aborrecer o leite, devem ministrarlhe alimentos que de maneira nenhuma o seu débil organismo digere com facilidade. Dessa atitude podem resultar graves prejuízos para a criança.

Há ainda outras, sobretudo da província, que não têm reticência em dar bebidas al-

coólicas à criancinha de tenra idade, o que é verdadeiramente lamentável, pelos males que pode ocasionar em organismos tão frágeis.

Para abstar a estas práticas de ignorância ou insensatez é que se impõe a necessidade da luta a favor da infância que, ontem como hoje, tem o direito aliás justo, da nossa protecção.

Além disso, é necessário pensar igualmente em agasalhar a criança convenientemente, sobretudo nos lares cujos chefes, apesar da sua admirável abnegação, não conseguem equilibrar o seu orçamento doméstico, de modo que nas suas casas haja o mínimo de conforto.

Mas se a desventura bate à porta da criança lançando-a na orfandade, ou no abandono cruciante, a sociedade tem então o dever de amparar e acarinhar.

Para proteger com amor esta planta tão débil—a criança torna-se necessário que to-

Continua na 3.ª página

Dr. José Cotta

Foi nomeado Delegado efectivo do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência do Distrito de Braga, o senhor Dr. José Coelho R. Cotta que já se encontrava no exercício daquelas funções mas ainda na interinidade.

Magistrado distinto e integro a sua nomeação foi muito bem recebida não só naquela cidade como em todo o distrito.

Apresentamos-lhe muitas felicitações.

Solução de continuidade no surto progressivo da Cidade de Braga

Não há dúvida. Ninguém a tem. Braga viveu na última década um impulso grandioso no seu progresso. Os seus problemas urbanísticos, em regra geral, tiveram solução numa sequência surpreendente e, atrás deles, muitos outros problemas de toda a espécie.

Artérias, comparáveis ao que de melhor se fez no País e em número surpreendente entre os quais abundam a Rodovia, a Avenida Marshal Carmona, a Rua Abade da Loureira, etc; edificios públi-

cos ou de utilidade Pública, como a Escola Técnica, o Liceu Feminino, o Mercado, o Hospital, a Escola de Enfermagem, a Piscina e dezenas de escolas; conjuntos urbanísticos da maior grandeza, como a Praça do Município, a entrada de Enfiás, a cidade nova que rodeia a Avenida Salazar, a Praça do Comércio, a urbanização de S. Victor, do Campo das Hortas, da estrada do lado do Porto etc; bairros diversos e amplos, construções de todo o género que alindaram e engrandeceram a urbe que tanto deles mereciam.

Quanto isto lerem e conhecerem a cidade hão-de surpreender-se, não pelo que anunciamos, mas pelo que deixamos no óbvio. É que, são tão numerosas as realizações que é impossível recordá-las em trabalho passageiro.

Braga, quer pela sua deficitária economia, quer como capital de distrito, quer pela sua falta de indústria, mais do que outra, precisa que o seu esforço seja continuado evitando convulsões na região altamente populosa de que é cabeça.

Assim o têm compreendido quantos em tantos lugares de responsabilidade não perdem as ocasiões para solicitar as

(Continua na 4.ª página)

O encontro das objecções dos Portugueses do Ultramar

1) — Não tem fundamento o receio, sinceramente ou hipocritamente formulado por alguns, de que a política de integração económica venha a favorecer a Metrópole em prejuízo e detrimento do Ultramar: «se a integração tivesse sido concebida para diminuir as possibilidades de desenvolvimento económico das províncias ultramarinas, seria ilusório o ganho que dessa atitude adviria para a economia metropolitana — a Metrópole só poderá vender para o Ultramar na medida em que este possa pagar o que adquiere; e não terão as províncias ultramarinas capacidade de compra senão na medida em que aumentarem a sua produção».

2) — O que está em curso é um processo de evolução a que se imprimiu, agora, novo ritmo — de modo algum se pretende criar do dia para a noite, como que por milagre, o mercado único português: «a fusão dos mercados não será instantânea, mas progressiva; o seu ritmo ficará, em grande medida, condicionado aos progressos efectivos que pudermos obter no desenvolvimento de cada região; porque desde logo se teve em conta o maior grau do desenvolvimento metropolitano, desde logo também se decidiu que, enquanto a partir de 1964 nenhuma mercadoria de origem nacional produzida no Ultramar pagará qualquer direito quando entre no território metropolitano, já as províncias

ultramarinas terão, pelo menos, 10 anos mais para eliminarem os direitos sobre as mercadorias que a Metrópole lhes envia».

3) — Também seria contraproducente sacrificar ao desenvolvimento intensivo das províncias ultramarinas o desenvolvimento normal da Metrópole: «ainda que o Governo, nas negociações que virá a realizar no momento oportuno

(Continua na 5.ª página)

A JUSTIÇA

Ora então cá estamos nós, não é verdade, Maria Cecília? É sim tio.

Já estou a ver que me vai dedicar a história de hoje a mim. Adivinhei?

— Sim. Adivinhaste. Tu és uma pequena bruxinha.

— De que havemos de falar hoje, Cecília?

— De qualquer coisa, tio Rui.

— Vamos então falar de justiça. Começo por te dizer, querida Cecília, que deves ser sempre justa para com todos os mortais. Crê, Cecília simpática, que nada há que mais atormente as pessoas com quem temos de tratar do que a falta de justiça. Mais importante do que todos os favores que possamos prestar aos outros é a justiça. Com a justiça governam-se os povos, com a justiça orienta Deus os mortais.

— Vejamos como deves proceder na vida prática, sobretudo quando fores mais crescida e tiveres de enfrentar a vida.

— Se fores empregada, funcionária, operária, enfim, tra-

balha o que fôr humanamente justo, para que os patrões cumpram com igual justiça para contigo, dando-te sem regatear o teu justo salário. Se fores um elemento da entidade patronal, dá aos teus servidores das regalias que forem justas. Mas faz isso sem favor, sem vexares quem quer que seja. Só com justiça há um entendimento justo. Muitos outros elementos te poderiam apresentar, mas todos eles visam, naturalmente, este mesmo fim: a justiça. A caridade, de que já te falei, poderá ser desnecessária se se usar de justiça na devida altura. Se hoje dás uma esmola a um pobre, praticas a caridade. Mas quem me diz a mim que lhe deste como esmola aquilo que lhe tiraste por não teres usado de justiça? Sobre a justiça fundou Deus o mundo.

Com justiça — essa cem por cento verdadeira e justa — governa Deus os homens (e mulheres). Põe os olhos em Deus, praticando a justiça. Serás feliz, Cecília.

João Correia

Federação das Casas do Povo

DO DISTRITO DE BRAGA

Na passada terça feira dia 19 e como já referiu a Imprensa diária, reuniu o Conselho Geral da Federação das C. P. do Distrito de Braga.

Na mesa de honra viam-se Sua Ex.cia o Snr. Dr. Azevedo, digno Sub-Delegado do Instituto Nacional do Trabalho, o Professor Manuel Cardoso procurador à Câmara Corporativa e Presidente do Conselho, o Snr. Engenheiro Pinto de Oliveira, Presidente da Câmara de Famalicão e Presidente da Federação, o vogal, presidente da Casa do Povo de Lousado e o Snr.

Jorge de Araújo incansável obreiro desta organização.

Além da aprovação do relatório e contas do exercício, na importância de cerca de 900.000\$00, que bem mostra a parte importante da sua actividade no sector da sua acção, aprovou ainda a criação de equipas de formação familiar, a criação do Centro de Recolha e Divulgação dos Trabalhos Artesanais e ainda a constituição do Centro Piloto de adestramento agrícola.

Também foi deliberado

(Continua na 3.ª página)

TRIBUNA FEMININA

Ronda das Colecções

a «linda senhora» de Balmain, encantadora como sempre, vai usar, na cabeça, o turbante-1940 e, ao pescoço, o medalhão 1930

Esqueçamos os casacos de abas compridas que Balmain nos apresentou na estação que lá vai. Os de agora são mais para o curto do que para o comprido. Uns têm cinto, mas os outros fecham com um simples botão ou laçada, em efeito de cintura alta que é, agora, a característica principal do costureiro. Os decotes são redondos e sem gola na maioria dos modelos, mas também os há de estilo alfaiate. Os ombros continuam a destacar-se, mas sem excesso de enchumacos. As saias são cortadas a direito ou com machos estreitos: sobem um pouco acima da linha da cintura e, regra geral, são aconchegadas com um cinto de cabedal. Algumas têm algibeiras (as dos modelos mais práticos) e o seu comprimento nunca ultrapassa os cinco centímetros abaixo do joelho, Balmain emprega, neste género, os tons pastel (principalmente o rosa, o azul, o amarelo) do bombom inglês e o branco. Cada «tailleur» tem a sua blusa própria, geralmente estampada («foulard», «surah» ou seda natural) metida por dentro da saia e combinando ou contrastando (no fundo ou nos desenhos) com a cor do «tailleur» que acompanha. Da mesma seda estampada é o chapelinho, rígido e montado em forma de «sparterie» ou drapeado como os turbantes que apareceram depois de 1940. Um dos mais aplaudidos «tailleur» da colecção destina-se às horas elegantes. É de linho branco com saia, muito simples, cortada a direito e com cintura subida, casaco solto fechando com um único botão e blusa, sem mangas, de «guipure» também branca. Acompanha o conjunto um chapelinho da mesma renda.

O vestido de fazenda prima pela simplicidade da linha. Não tem mangas: o corte é muito levemente princesa, o decote está subidinho e apenas no facto de ter duas algibeiras ou dois lacinhos consiste a diferença entre o modelo prático e o de mais vestir. O tecido é o piqué ou a lã fininha. As musselinas estampadas aparecem somente para o fim da tarde e os feitos continuam simples, pois estes vestidos aparecem com um casaco do mesmo tecido, mas sem fôrro, para que se aprecie a leveza da musselina.

Nos vestidos de noite, e um pouco contra a maré, Balmain apresenta uma linha muito romântica, em modelos de setim brilhante cuja roda vai

alargando, suavemente, em direcção aos pés, que não cobre. A cintura é sugerida, muito acima do seu lugar natural, por quatro laçadas do mesmo setim. Os corpos bordam-se, mas talvez mais discretamente do que nas outras casas de alta-costura. Também em Balmain a flor aparece como grande ornamento da estação. Um dos seus mais lindos vestidos de noite está confeccionado em musseline branca e completamente tapado com pétalas de rosa. Também a sua mais aplaudida saída-de-baile tem, pregados, dezenas de gerânios, em organdi de rosa.

Com os seus «tailleurs» tão

graciosos; com os seus vestidos de corte simples, mas elegante; com a paleta das suas cores suaves — o bombom inglês, o verde-água, o branco e ainda o azul marinho e o preto; com as suas blusas, «écharpes» e turbantes de seda em estampados alegres, a colecção Balmain é bem uma colecção 1963. Mas é já uma gravura antiga (uma daquelas deliciosas gravuras dos anos à volta de 1930) a fotografia de alguns dos vestidos de noite, a que não falta sequer o grande medalhão, pendurado em fita de veludo preto, como tanto gostava de o usar, a avó da nossa mãe ou, a avó da nossa avó.

Culinária

Nestas receitas temos de ir percorrendo as nossas províncias tentando os cozinhados que possam interessar ao maior número possível de senhoras-cozinheiras.

Experimentemos hoje um prato muito fácil de executar e cuja matéria prima — agora com as camionetas-frigoríficas — se encontra em toda a parte. Vamos, lá, pois, às pouco conhecidas AMEJOAS À MODA DE PORTIMÃO:

Lavam-se muito bem as ameijoas, afim de lhes tirar-mos toda a areia possível, e pomolas, depois, num tacho. Podem abrir-se no forno, sem água. Na falta deste, abrem-se ao lume, mas com um pouco (o mínimo) de água. Num decilitro de azeite, coram-se dois dentes de alho muito bem picados e dois pimentos verdes às tiras. Entretanto, já as ameijoas devem estar meio abertas. Deita-se no tacho, o azeite com o alho e os pimentos e volta ao forno ou ao lume, com tampa, a acabar de abrir as ameijoas. E estando abertas por completo, temperam-se de sal, de pimenta (para quem gostar e poder usá-la) e servem-se, quentinhas, com salsa picada por cima.

Ficam muito bem no pirex de ir ao forno ou à chama.

Dois quilos de ameijoas dão apenas para duas pessoas.

E para fazermos a boca doce aos nossos rapazes vamos a um dos melhores doces do Alentejo, o famoso TORRÃO DE OVOS À EBORENSE:

Escaldam-se 125 gramas de miolo de amêndoa. Pelam-se as amêndoas e torram-se, passando-as, depois, pela máqui-

na. Pegamos em 15 gemas de ovos (sem nenhuma clara, nem a «galadura») e deitam-se numa tigela, mexendo-as levemente. Entretanto, levam-se 250 gramas de açúcar a ponto de bola (deita-se o açúcar em decilitro e meio de água, deixando-o ferver e, quando, deitando a calda num pires com água, tenha tendência a fazer uma bola, está no ponto). Quando o açúcar atinja este ponto, deita-se em fio, sobre as gemas, mexendo sempre. Juntam-se as amêndoas à mistura e leva-se ao lume, mexendo até estar o todo numa massa um pouco rijá e desde que se veja «o fundo ao tacho». Serve-se em tacinhas ou pratos de sobremesa.

E, por hoje, é tudo. Fomos esta semana para o Sul de Lisboa. Talvez na próxima semana atravessemos os mares. —ANI

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

A UM ATEU

...Mas o que vem a ser um homem ser ateu?...
Negar a luz do Sol?... o seu calor bendito?...
Não é homem, então, mas imbecil... sandeu...
— Um homem que não crê!... Eu nem o acredito.

Não crêr que exista Deus!... Em si, tão pouco, crê...
Nem duvidar, sequer, mesmo um momento so...
Não crêr que exista Deus! se em tudo Deus se vê,
Desde que a gente nasce até tornar-se em pó.

Subiste alguma vez ó infeliz descrente,
A' hora do sol-nado, ao alto da montanha?
Ou quando o Astro-Rei, enorme, aurifulgente,
Inunda toda a terra em comoção estranha?

E nunca um ateu a vista espreiaria
Por essa imensidade — assombro colossal —
Da grande obra de Deus — o Mar em calmaria,
Ou, bramindo de raiva, em torvo temporal?

De certo nunca viste, oh! nunca viste, então,
A Água, o Fogo, o Ar, fazendo um escarceu...
Rugindo como fera o ronco do trovão,
Iluminando o raio as amplidões do Céu?

Não pensaste, jámais, também, oh! certamentel
No perfume subtil da casta violeta?...
Nas rosas de veludo e forma tão diferente,
Nos encantos da flor, nas cor's da borboleta?...

Gosaste alguma noite, aluarada e triste?
Admiraste o céu?... Já viste um pôr-do-sol?
Duvidarás ainda, ateu, que Deus existe
Ouvindo alguma vez cantar o rouxinol?

Analisaste já, sem reprimir surpresa
Os segredos que encerra a simples gota d'água?
Não crês que exista Deus!... tu causas-me tristeza...
Na tua ingratidão tu fazes-me até máguai

Não podes ser ateu... Tu és um impostor...
Senão, regressa ao lar, beijando os filhos teus
Não podes duvidar no mundo que há amor...
— E, se o amor existe, é porque existe Deus,—



AO PREFERIR

«JORNAL FEMININO»

Prefere a revista mais
portuguesa de Portugal.

Gosta de estar actualizada em moda, culinária, cinema, literatura, crochê, tricot, maquilhagem, decoração e tantas outras coisas que a mulher deve saber?

Então, compre de quinze em quinze dias «JORNAL FEMININO» — Da mulher para a mulher. Sai aos dias 1 e 15 de cada mês. Envie a foto do seu bebé para a Galeria Infantil desta revista. Horóscopo, concursos, reportagens, entrevistas «JORNAL FEMININO» companhia amiga, leal e sincera.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE:
TELEF. 30796 Rua D. João IV 904 PORTO



RELOJOARIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** AOS amigos de perto e de longe *****

Aí vai mais uma carta para vos saudar e dar-vos notícias. Desculpai se juntar alguma crítica, porque não é por má intenção de ofender qualquer de vós. Apenas o farei para esclarecer e corrigir defeitos, se possível.

Vinho barato

Está muito barato o vinho. Os produtores queixam-se, e são já muitos os que resolveram abri-lo e vendê-lo à porta. Está bom para os desportistas da borracheira que assim podem gostar mais vezes o prazer estúpido da bebedeira. Éste desporto, condenável sob todos os aspectos, tem muitos seguidores; e, além de provocar a maioria das desordens sangrentas, contribui desastrosamente para a miséria de muitas famílias, tanto sob o aspecto da fome e do frio, como da ausência de educação. Os filhos não comem nem vestem o que o pai gasta no jogo e na borracheira. E se a mãe também é desportista do pingato?... Então a desgraça é completa. Depois, o pai, ou o pai e a mãe ausentas de casa não podem educar. Pior ainda se entram em casa tarde e sem juízo, a caír, a praguejar e a bater... Julgo que as leis deviam punir com multas, ou cadeia, todos aqueles que aparecessem na via pública embriagados, tanto peões como ciclistas, motociclistas e automobilistas. Os bêbedos na via pública são um perigo de vida constante para si e para os outros.

Desordem

No domingo, 17 do corrente, houve uma desordem no lugar da Telheira em que figuraram Domingos Faria, Alvaro Faria e Armindo Marques. Parece ter havido alguns ferimentos. O senhor Regedor interveio para fazer a paz, mas os contendores pareceram estar pouco dispostos a aceitar a paz. É natural que o pingato exercesse influência marcante no princípio e continuação da desordem.

Julgamento em Amares

Em dezoito do corrente foi decidida a questão pendente entre os Senhores João da Mota e Domingos Ferreira, aquele do Bico e éste de Santa Marta, de Lago, Amares. O primeiro acusava o segundo de lhe ter furtado 100\$00 em 22-12 62, e mais 543\$00, em dias ou semanas anteriores.

Interveio no debate, como advogado do Domingos, o Senhor Dr. J. F. Salgado, de Braga. Apesar dos esforços desesperados das testemunhas do Senhor Mota o crime não se provou e o Senhor Domingos Ferreira foi absolvido. As testemunhas de acusação cometeram alguns erros graves. 1.º Os depoimentos verbais não concordavam com os depoimentos escritos. 2.º Não concordavam umas com as outras. 3.º Tentavam dizer mais do que viram. E, finalmente, 4.º Negaram o facto de terem examinado os bolsos e o porta moedas do Domingos, logo junto da estação rodoviária, sem nada lhe encontrarem. Estes 4 erros, que julgo muito graves, foram postos à vista de todos durante o acalorado debate que precedeu a absolvição do Ferreira.

Concordo perfeitamente que o Senhor Mota esteja sem os tais 543\$00; e até concordo que lhe tenham roubado mais. Até mesmo as alminhas do lugar do Bico têm sido arrombadas e roubadas!... A própria estação rodoviária e a escola não têm escapado à roubalheira por diversas vezes! As minhas suspeitas iam e continuam a ir para outros indivíduos, de cuja honestidade duvido há muito.

Contudo, não vi fazer esses furtos e portanto não posso afirmar-lh.

Jogo nas tabernas

Não frequento as tabernas, mas não sou inimigo delas. Digo só a verdade e ninguém tem direito de queixar-se por isso. Ora, eu ouço dizer aos entendi-

EDITAL

Arnaldo da Silva Tomé,
Tesoureiro da Fazenda Pública
do concelho de Amares:

Faço saber que durante o mês de Abril próximo, se acha aberto o cofre, para pagamento à boca do cofre, das seguintes contribuições e impostos:

Imposto sobre a aplicação de capitais—secção A de 1963

Este imposto é pago por uma só vez durante o mês de Abril, qualquer que seja a sua importância.

As importâncias que não forem pagas nos respectivos prazos vencerão juros de mora.

O relaxe terá lugar 60 dias depois de expirado o prazo do pagamento à boca do cofre, contando-se o prazo como se segue:

*Cobrança à boca do cofre
mês de Abril*

*Cobrança voluntária (cf juros)
1 de Maio a 29 de Junho*

Relaxe 29 de Junho

Para constar se passou o presente e idênticos, que vão ser afixados nos lugares do costume,

Tesouraria da Fazenda Pública do Concelho de Amares, 20 de Março de 1963.

O Tesoureiro,

Arnaldo da Silva Tomé

Federação das G. do Povo do Distrito de Braga

(Continuação da 1.ª página)

realizar de 26 a 31 de Agosto a Semana Rural do Minho, onde terão lugar conferências e trabalhos de individualidades e técnicos da maior categoria, ligados à Agricultura.

Depois desta reunião e por volta das 17 horas teve lugar um colóquio entre a Mesa do Conselho, Direcção e representantes da imprensa diária e regional do Distrito, onde estes magnos problemas foram tratados em promenor.

Nos números seguintes Tribuna Livre dará extractos dos trabalhos aprovados que pelo seu interesse regional bem merecem ser do conhecimento público.

dos que quase todas as tabernas dão jogo; e, normalmente jogam a vinho, comidas, ou dinheiro. Se alguns desses jogadores, alguns até são menores, não trabalham aonde irão eles buscar o dinheiro?

Vosso: J. Moreira

Tudo é pago

neste Mundo

Ouvimos da boca de muitos brasileiros criticar vexatórias no ano de 1962 por causa da desordem política em Portugal e pela situação financeira que se atravessa.

Reproduzimos hoje o que disse um deputado americano, William Cramer, a respeito de um empréstimo americano feito ao Brasil no valor de 112.000 contos.

Os Estados Unidos não devem conceder mais empréstimos ao Brasil «enquanto não forem preenchidas certas condições».

«Pretendo que não sejam feitos mais empréstimos ao governo de João Goulart—disse—enquanto os comunistas não tiverem sido eliminados, enquanto não recebermos garantias de que os nossos dólares não servem para financiar o comércio do Brasil com a Rússia, e enquanto o Brasil não seguir o exemplo da maioria dos países latino-americanos, rompendo as relações com Cuba». O deputado acrescentou que o Brasil já recebeu mais de 3 biliões de dólares em auxílio americano e nada tem para mostrar, em troca, além de uma moeda desvalorizada e um governo em bancarrota (sic)

Elísio Gonçalves

A CRIANÇA

Continuação da 1.ª página

das as almas bem formadas, quer pela sua prática de vida, quer pela sua prudência ou ainda pela influência individual queiram concorrer para o êxito de uma tarefa que se nos afigura tanto mais honrosa quanto dignificadora.

SALVÉ 27-3-63

Passa no próximo dia 27 o seu aniversário natalício o Sr. Joaquim José de Macedo Martins, nosso estimado colega de trabalho, filho do Snr. José Manuel Martins e Maria Lucília de Macedo Martins, proprietários nesta Vila.

Por tão faustosa data, seus pais e irmãos desejam-lhe que esta se prolongue por muitos anos cheia de felicidades.

Tribuna Livre igualmente faz votos por uma continuação de boa saúde.

HUMORISMO

Delinquente perseverante

O Juiz não pôde deixar de reprimir veemente o réu e diz-lhe:

—A sua conduta é repugnante! Como é possível que você não sinta o menor remorso de ter agredido barbaramente aquela pobre velhinha apenas para roubar-lhe o único escudo que levava na carteira?

—Sabe, sr. dr. Juiz, é que escudo aqui, escudo acolá...

Colega desconfiado

O primeiro pescador, entusiasmado:

—Era um robalo enorme, magnífico! Mas tive de lutar mais de um quarto de hora para o dominar!...

O segundo pescador interrompe, sarcásticamente:

—Também a mim me sucedeu certa vez uma coisa parecida: tinha-me esquecido do «abre-la-lata»...

Visado pela Censura

SONHOS

Se temos n'alma um ideal risonho;
É como nuvem branca em céu d'Agosto...
Qualquer aragem a desfaz; ao sonho
Basta um melindre d'infantil desgosto.

Se sem a nuvem branca o ar ficou
Mais puro e leve do que estava então,
Um sonho em nós desfeito só deixou,
N'alma, muito mais densa a turbacão!

Sonhos por nós sonhados manhãzinha,
À tarde vento ingrato já varreu...
Passaram como passa uma andorinha
Ou nuvem branca pelo azul do céu!

Só o sonho real que se evolou,
Qual fumo da cratera dum vulcão,
Alguma cousa ainda em nós deixou:
A saudade esganando o coração!...

UERBA

Solução de continuidade no surto progressivo da Cidade de Braga

(Continuação da 1.ª página)

atenções de quem de direito.

Uma cidade, para mais nos tempos presentes, não pode parar, sob pena de se deixar ultrapassar e ver os queixumes a surgirem de todos os lados, dado que as necessidades surgem sempre ora como fruto do tempo, ora por virtude do próprio desenvolvimento e pela ânsia de melhoria social que as populações cada vez mais reivindicam.

As realizações actuais na cidade e seu termo, os estudos, projectos e demais iniciativas que se divisam, não permitem, quando sujeitas a vistoria imparcial e perscrutadora, deixar sentimentos de optimismo quanto ao porvir imediato e, por consequência, a todo o tempo por que se alongue o mesmo estado de coisas. Em alguns casos de maior repercussão é já o presente a afligir os que apeteçam o progresso da cidade de Braga pelo que ele representa de satisfação para, o seu bairrismo desinteressado, garantia de trabalho e pão para os que precisam, prestígio para um Regime que querem fortalecido.

Parar não significa poder percorrer-se o povoado sem nada se encontrar em realização.

Significa romper os actos de iniciativa e de projectos que, através de trâmites variados e de tempo por vezes prolongado, conduzem à concretização; significa quebrar no presente a sequência de actividades que são garantia do futuro. Isto é de elementar sabedoria. Para melhor sabermos ter chegado a uma dessas eras de decrepitude não há como indagar o *de profundis* da voz pública. E quem não a ouviu já?

Pior, porém, se a pouco tempo de uma gestão que em realizações foi esforçada e produtiva se pode distinguir já a seguinte como de inércia ou pouco esforçada a ponto de perder ou adiar obras que se adivinhavam como certas e como casos arrumados.

Só esse facto triste — o de perder ou adiar o que estava à bica — pode justificar uma quebra tão brusca em tão pouco tempo, agravada pela certeza de que além estará ainda o pior, muito pior.

Examinando a cidade da remota Era vemos a completar-se o Liceu Feminino, na viva demonstração de continuidade do que imana do poder central, vemos os terrenos adjudicados nas artérias que foram então rasgadas tomar sobre os seus ombros o peso de alguns edifícios novos e o de um bairro. Aqui pára a saudosa reminiscência da febril actividade de um ano atrás.

Para que assim seja, muita coisa se quedou na sua marcha e nada marchou de novo.

A Fábrica Luso-Americana que havia de empregar, logo de entrada, mil e quinhentos operários, perdeu-se enquanto se ofereciam 6\$00 por m2 de terreno, o que na nossa ruralíssima povoação se paga a 150\$00;

Quanto ao Palácio da Justiça deixou-se adiantar a paixão das polémicas populares, o que ditou um adiamento como medida de prudência;

A Central de Camionagem espera que o esquecimento a trague definitivamente;

O Hotel de Turismo está afogado em projectos e incertezas que não se concretizam;

Os Troleys aguardam indefinidamente o dia que se está sempre a anunciar e nunca chega;

A Igreja de S. Lázaro, continua a cortar o perfil lateral da mais vistosa Avenida da Capital do Minho; o Hotel do Turismo do Bom Jesus, espera o impulso decidido sem o qual nada anda; a Rodovia quedou-se temerosa; a rede eléctrica espera uma reforma que sempre se julga prestes; e, ainda vá, o Sporting de Braga venceu por esforço próprio uma crise que o ia

devorando, quando alguém com responsabilidade aconselhou a que o extinguíssem.

Por entre este mar de coisas, paradas momentânea ou definitivamente, a mais importante promessa de um plano é a de que o hotel de turismo da cidade se fará, se não fór por outros, se-lo-á pela Câmara Municipal. Até neste caso é oportuno perguntar para quando, como, esta promessa nova de uma coisa velha, para velha data.

Estas palavras são oportunas para mais quando se rebuscam nomes e se agitam opiniões para preencher o cargo de vice-presidente da Câmara, vago pelo forçado afastamento de quem foi obreiro atento.

Pelas circunstâncias expostas e por outras que afligem a vida do meio e não dão confiança aos espíritos é de maior responsabilidade a escolha. Assim os homens a encarem como coisa que aconselha arejamento e saneamento e não curem de mais em ouvir vozes cansadas.

Se o engenho e o tempo o permitirem, falaremos no próximo número sobre a economia e política regionais.

O Suami falou sobretudo para o nativo de Angola

As declarações do ex-candidato a estudante de medicina (nas suas ilusões alimentadas pelos propagandistas da UPA e do MPLA) e ex-terrorista sabotador encartado (na triste realidade do seu destino) — há dias divulgadas através de uma conferência de Imprensa no Quartel-General das Forças Armadas em Luanda — causaram entre a massa dos nativos angolanos uma impressão certamente mais profunda e por certo inteiramente diferente do que a provocada no público leitor da Imprensa metropolitana ou da internacional.

Para o português metropolitano, as declarações do Mateus Suami não constituíram novidade de maior e apenas vieram comprovar o que de há muito vem a ser dito, apenas que, desta vez, reforçado por maior soma de pormenores e a autenticidade do testemunho.

Para o leitor internacional, o relato do jovem angolano natural e humanamente sedento de instrução, que aceitou uma oferta tentadora de estrangeiros aliciado pela perspectiva de maiores facilidades e até mesmo pela de conhecer terras distantes e progressivas — para esses trata-se de mais uma história como tantas outras, que todos os dias os grandes órgãos lhes servem dos recantos do Vietname, dos matorrais da Colombia, dos canaviais de

Cuba ou dos recessos do Curdistão.

Mas para o nativo angolano o significado das declarações do seu irmão Mateus Suami é bastante diferente e incomparavelmente mais profundo, no seu sentido psicológico. E isso se provou pela circunstância de, quando há dias os órgãos locais reproduziram as declarações do jovem angolano, os jornais terem sido lidos e relidos, soletrados e interpretados por uma massa extraordinariamente elevada desses leitores nativos que, usualmente se contentam com a leitura dos cabeçalhos das notícias.

É que, na sua simplicidade, as declarações do Mateus Suami não revelaram apenas o logro da propaganda das UPAS, MPLAS e outras quejandas organizações pseudo-nacionalistas, bem como dos «prestimosos» missionários e outros «salvadores de almas» de variadas seitas que proliferam através da África.

Elas serviram igualmente para mostrar o inutilidade dos movimentos artificialmente criados, inspirados por desígnios políticos alheios às naturais aspirações dos povos que pretendem representar e dominar — inutilidade que resulta da falta de convicção dos que se deixam aliciar, uns por ambição, outros por excesso de boa-fé.

Flor desfolhada

DE Gota d'Orvalho

Despede-se então de Julieta, dizendo-lhe: Muito tenho a falar consigo, boa amiga; porém, como a noite se avizinha, cá a espero encontrar no próximo domingo; preciso falar-lhe de coisas importantes.

Julieta, que já adivinhara e esperava com impaciência a hora do princípio da sua felicidade, com um sorriso de meiguice, toma as mãos de Jorge, e numa atitude e expressão de ingenuidade e candura, diz: Jorge, não deixes para domingo o que tem para me dizer! Diga, diga-me já, estou ansiosa! E era tal a meiguice daquela criança ao proferir estas palavras, que Jorge quase esquecia Aquela a quem só a morte fadia olvidar! e acariciando-lhe as delicadas mãozinhas, diz com docura: Não, Julieta, o que tenho para te dizer é de tal importância, que te juro: preciso de cooperar forças! não sei se te vai agradar se aborrecer...

Jorge, por quem és!... não me deixes entregue a tão prolongado sofrimento! Não, não partirás sem me dizer que me... — Não, adeus! Jorge escapulira-se já das mãos que baldadamente tentavam detê-lo, e de lágrimas a marajarem-lhe os meigos olhitos, extática, ficará entre os arbustos da Ribeira a terna e meiga Julieta, que nessa noite iria sonhar ocordada aquelas róseas cores que os dezassete anos sabem pintar nas imaginações bélicas da idade!

A decisão está tomada! É necessário que não volte a casa de Julieta sem que me declare a Lúcia, e só então me decidirei. E uma noite, em que tudo dormia já no povoado, uma figura surge na sombra da escuridão! aproxima-se do correio! toma nervosamente o envólucro contendo uma carta, relê o endereço, arrepende-se, recua e desaparece na escuridão! Era Jorge que resolvera ainda estudar melhor a psicologia da mulher amada, ler no seu rosto a certeza da sua vitória! Mas de novo o mesmo vulto surgira na esquina da rua; pálido, nervoso, o seu coração parece ter paralizado junto daquele que há-de ser o portavoiz da sua paixão! Estende o braço; introduz na fenda a carta, permanece imóvel como uma estátua! A carta está dentro, mas presa ainda pela extremidade de um dos dedos. Mais uns segundos e a presa soltara-se, precipitando-se no fundo da caixa! Nunca um ladrão teria sido tão cuidadoso!

O vulto de Jorge desaparecera lentamente! Dobra a esquina, pensativo e exausto regressa a casa pedindo a Deus toque o coração do seu Anjo!

Os dias sucederam-se, esses longos dias de ansiedade que ora lhe apresentavam a felicidade num futuro repleto de amor, era a maior das desilusões num outono da vida que antevia dolorosa e fria!

A resposta não surgira ainda e a situação de Jorge tornava-se complicada! Sentir-se-ia feliz perante a visão de Lúcia, mas temia encontrá-la! Se a vir no caminho fugiria-lhe-ia, pois que o seu silêncio o atormentava! Principiava a arrepender-se da declaração, pois que assim perdera a entrada à casa daquela que até então podia contemplar a furto! Tinha saudades de ver, de sentir de perto a sua encantadora «Dulcineia», mas pedia a Deus que Ela lhe não surgisse!

Na Herdade havia-se notado desde há muito a ausência de Jorge, sem contudo se imaginar o motivo de tal ausência.

E numa tarde em que Jorge regressava da Vila na companhia de seu Tio Figueiredo, Lúcia, toda candura e beleza, cruzava consigo. O seu semblante de Anjo tornara-se lívido, o seu coração alvoroçara-se e o seu pequeno e cândido seio arfara apaixonadamente! Já amava Jorge, melhor amara-o desde criança! O que elegera no seu coração, constituía já para si a maior felicidade num futuro risonho! Contudo... ainda lhe não respondera! Porquê? O leitor sabelo-à adiante. Quanto a Jorge, desnecessário seria descrever a onda que lhe trespassara a alma neste momento. O leitor, por quem tudo isto já passara, já o adivinhou: Depois daquele dia em que a sua mão colocara no correio o manuscrito que havia de declarar o seu futuro, jamais avistara a sua Fadazinha! O seu rosto ruborizara-se! Não sabe andar, caminha com dificuldade. O coração parece mover-se artificialmente neste momento, o peito contrai-se ante aquela visão, serena e terrível simultaneamente! Trocam um olhar comprometido, limitando-se apenas a proferir estas palavras: Boa tarde Lúcia, boa tarde Jorge.

O afastamento em sentido contrário é inevitável, em breve os dois corações que se amam vão desaparecer na curva da alameda e as águas do riacho parecem entoar uma canção enamorada no seu lânguido marulhar, envolvendo estes dois corações que se amam ternamente, candidamente.

Mais uma noite se passara, e eis que o correio trouxe algo que... fizera estremecer Jorge. Nervosa e sofregamente rasgará o envólucro, e, embrenhando-se por entre o chopal

Continua

S. Paio de Seramil

(CONTINUAÇÃO)

Logo outra portaria, de 15 de Fevereiro de 1818, esclarecia e insistia ainda no cumprimento das mesmas instruções:

«Tendo-nos constado que a relaxação de muitos eclesiásticos deste N. Arcebispado, no uso de vestidos seculares, ainda mesmo na celebração dos officios Divinos, tem chegado a tal ponto que não cessam de mover duvidas sobre a intelligência da nossa Portaria de 20 de Dezembro p. passado, onde lhe determinamos qual era o vestido que devião usar nos officios Divinos, conforme as disposições canónicas, novamente declaramos que por vestido eclesiástico nos termos da nossa Portaria se não entende de nenhum modo os sobretudos da moda ainda que pretos e talares sejam; mas sim lobas, chimarras ou guarnachas pretas talares fechadas por diante atalhe ao fundo, e sendo com botoens ainda melhor, e mais conforme ficam às disposições respectivas, e actual louvável costume dos bons eclesiásticos; porém se forem fechadas com outros quaesquer botões, ou colchetes athe ao fundo, poderão por ora telerar-se. Declaramos outro sim, que a suspensão *ipso facto* que nos vimos obr. dos a comminar contra os q. de outro modo se atreverem a celebrar, ou assistir aos officios Divinos, se entende a nós reservada, finalm.te declaramos que por aquela nossa Portaria se não pode entender que toleramos o uso de meias brancas, tamancos ou chinellos, ou outro qualquer vestido, ou calçado indecente nos eclesiásticos, e muito mais para os mesmos officios Divinos, ainda que por ora não imponhamos penna de suspensão *ipso facto* nesta parte que m.to recomendamos.»

* * *

Aos 28 dias de Abril de 1818, estava aqui novo visitador, o cônego José António Berardo da Silva Pereira Gaspar. Foi seu principal reparo:

Que «em acto de visita fora informado que os fregueses quando vinham para a missa, ou outros officios divinos, vindo de corossa, com ela assistiam a eles, ou então tirando-a, a encostavam aos altares, mostrando com tal acção a pouca religião e indecência com que assistiam aos mesmos divinos officios, e damnificação dos altares. Que também era informado que quando saía o S.S. aos enfermos não iam muitos devotos a acompanhar pelo que recomendava ao R. Pároco que não consentisse dali em diante que nenhum freguês assistisse à missa, e mais officios divinos, de corossa, pois a deviam deixar à porta da igreja, ou encostada em qualquer das portas travessas; e qualquer que o contrário fizesse o condenava em 100 rs. por cada vez, de que o R. pároco lhe daria conta para lhe fazer ir pagar.

Os que fossem a acompanhar o S.S. deviam ir com decência, e de capote. Os que fizessem o contrário condenava-os em igual quantia, de que igualmente lhe daria conta.»

Quanto ao geral das capitulações, se poder afirmar que elas são comuns à maior parte das freguesias, no que tocava às observações, ordens e reparos feitos aos R. R. párocos, como aos fregueses, no que respeita a esta de virem de corossa para a missa, mesmo dominical, só explica a natureza agreste da região onde se situa esta freguesia, dos rigores das invernias com que geralmente se debatem os seus habitantes, a ponto de ser vulgar dizer-se que as enxurradas arrastavam as próprias reses ou espécies de gado miúdo nos engrossados caudais dos muitos ribeiros que a recortam.

Mas adverte-se aqui a particular situação dos habitantes do lugar alto de *Chão-Grande*, sito no planalto da serra, pertencentes, embora a Santa Marta de Bouro que lhes fica a muito maior distância, concorreram desde sempre a Seramil para cumprirem a maior parte dos seus deveres religiosos. E eram estes principalmente, que atravessando encostas desabridas, se viam obrigados a servir-se da indumentária própria do pastoreio, tão natural dos seus costumes e *habitat*, para virem assistir aos mesmos officios divinos. Não quer dizer que os habitantes, de outros lugares sertanejos da freguesia, o não fizessem também.

Este modo de natural defesa, bem admissível verificou-se ainda quase até aos nossos dias; e, elém da corossa, chegaram alguns indivíduos a utilizar chapeleirão de lata, precursor dos actuais capacetes de ferro, usados nas estradas pelos viajantes em viaturas motorizadas.

(Continua no próximo número)

O encontro das objecções dos Portugueses no Ultramar

(Continuação da 1.ª página)

para a participação do País no mercado europeu integrado, obtenha as condições que melhor se adaptem às características do processo de desenvolvimento da economia portuguesa, mesmo assim, por melhores que essas condições venham a ser, não poderão deixar de impôr, sobretudo à Metrópole, um esforço muito grande no sentido da reorganização do seu sistema de produção e de comércio; por esta razão não seria possível restringir os meios de que a Metrópole carece para esse esforço, sem aceitarmos, em consequência, grave prejuízo para a sua economia».

Por outro lado, é certo que «poderemos ver com alguma tranquilidade as perspectivas de colaboração dos capitais estrangeiros no nosso esforço de desenvolvimento; mas isto não permite esquecer que será acima de tudo sobre a capacidade interna de financiamento que nós deveremos assentar os planos essenciais à defesa e à vida económica do País: apesar da coragem sempre exemplar e tantas vezes heróica da gente de Angola, não fora a fé, a capacidade económica e a solidez da vida financeira da Metrópole e outra seria já neste momento a configuração do nosso Ultramar, outra teria sido a sorte de tantas vidas portuguesas que lá realizam o seu destino e com o delas o destino da Nação; por isso comprometer o desenvolvimento da economia metropolitana significaria comprometer a existência e o progresso do próprio Ultramar português».

4) — Um dos objectivos das medidas agora estabelecidas para apressar a integração económica do espaço português foi permitir a maior liberdade possível à movimentação dos capitais: «fechar as portas à saída dos capitais é fechá-las também à sua entrada»; por isso, «se não pomos limitações sensíveis ao envio de capitais para o Ultramar, pudemos ao mesmo tempo assegurar em listas de liberalização, que pela primeira vez foram agora publicadas, a transferência automática pelos residentes nas províncias ultramarinas de tudo o que é indispensável para criar confiança aos investimentos no Ultramar e ao desenvolvimento do comércio entre os territórios, bem como para assegurar as transferências pessoais justificáveis».

5) — Prudentemente, em vez de se criar desde logo a moeda única, estabeleceu-se por agora um novo e mais eficiente sistema de pagamentos: «é sabido que os territórios em vias de desenvolvimento têm a sua economia dependente de um número muito limitado de produções e que por isso basta às vezes o encerramento temporário de um mercado ou uma perturbação ocasional na produção para que logo se produza nessa região uma crise económica; lembremo-nos, por exemplo, do café em Angola, da mancarra na Guiné; ora

essas crises serão muito mais fáceis de dominar se as conseguirmos circunscrever à própria região onde se verificam: a moeda única não facilitaria este objectivo». Como quer que seja, «a moeda única é, no entanto, um objectivo que não deverá perder-se de vista, e que traduzirá, no plano monetário, não o começo de um processo de integração, mas o termo ou o fim desse processo».

6) — De modo algum a política de integração económica é susceptível de contrariar a política, que paralelamente se desenvolva, de alargamento da autonomia administrativa das províncias ultramarinas: «a integração económica de um espaço é compatível com todo e qualquer tipo de autonomia das regiões integrantes desse mesmo espaço; veja-se por exemplo, o caso das integrações europeias; o que importa é que a política económica de cada região, mesmo quando esta caiba no quadro da sua autonomia, se harmonize com as políticas das restantes regiões por forma a obter-se uma actuação de conjunto que seja coerente e não contraditória».

Assim respondeu o ministro de Estado adjunto à Presidência do Conselho, dr. Correia de Oliveira, numa exaustiva conferência de Imprensa, que durou nada menos do que duas horas, às principais objecções formuladas à política de integração económica pelos portugueses do Ultramar — e tam-

bém por alguns portugueses na Metrópole. Fê-lo com a segurança de quem domina por completo um problema em todos os seus aspectos e em toda a gama das suas consequências. Fê-lo com a firmeza e a convicção de quem acredita entusiasticamente nas virtudes e vantagens da política de que é paladino. Fê-lo com desassombro, sem a preocupação de iludir dificuldades ou de as ocultar por debaixo do fácil véu do silêncio ou no sonoro tumulto das palavras empoladas, que nada significam. Fê-lo com uma objectividade e uma clareza que lhe devem agradecer todos os que desejavam ver esclarecidas as suas dúvidas. E fê-lo ainda — há que assinalá-lo — sem pretender chamar a si a honra e glória de promotor de uma política de que não quer ser senão devotado servidor: com efeito, não deixou de lembrar que há trinta anos, no seu discurso de 1 de Julho de 1933, já dizia o Prof. Salazar.

«Somos uma unidade jurídica e política e devemos caminhar para uma unidade económica. Tanto quanto possível completa e perfeita pelo desenvolvimento da produção e intensa permuta de matérias primas...»

Nessas palavras de há trinta anos estava já, na verdade, todo o perfil de um pensamento, toda a linha de uma orientação, todo o esquema de uma política. — ANI

NOTARIADO PORTUGUÊS

JAIME DE ABREU DIAS, Ajudante do Cartório Notarial de Amares:

CERTIFICO, narrativamente, e em cumprimento do determinado no Art.º 96.º do Código do Notariado, que em vinte do corrente mês, foi lavrada desde folhas noventa a noventa e uma, do livro de «Escrituras Diversas». n.º B—quatrocentos e dez, deste Cartório, a escritura de Habilitação de herdeiros por óbito de MANUEL JOSÉ RIBEIRO, natural da freguesia de Vilela, deste concelho, filho de António Ribeiro e de Emilia de Alves, morador que foi no lugar de Charil, da dita freguesia de Vilela, e ali falecido no dia vinte e sete de Setembro de mil novecentos e sessenta e um, no estado de casado em primeiras núpcias de ambos e sob o regime da comunhão geral de bens, com Maria da Glória Antunes. Que, como herdeira legitimária, lhe sucedeu apenas uma filha de nome MARIA DE FÁTIMA ANTUNES RIBEIRO, natural da freguesia referida de Vilela, doméstica, casada com António José Gonçalves Fernandes, residente no lugar do Terreiro, da freguesia de Bouro (Santa Maria), deste mesmo concelho.

Ficou declarado na mesma escritura que não há outras pessoas que, segundo a Lei, prefiram à indicada herdeira ou com ela possam concorrer na sucessão à herança do referido Manuel José Ribeiro.

ESTÁ CONFORME E CONFERE COM O ORIGINAL O QUE CERTIFICO.

Amares e Cartório Notarial, vinte e um de Março de mil novecentos e sessenta e três.

O Ajudante do Cartório Notarial,
Jaime de Abreu Dias

Telefone do serviço permanente dos Bombeiros
V. de Amares 62162

Visado pela C. de Censura

Tribuna Desportiva

O BENFICA, EM PRAGA, «jogou à Benfica»

Reencontrou a sua forma voluntariosa de jogar o clube português que no estrangeiro mais nome e mais proveito tem alcançado: o Benfica, em Praga, conseguiu impor ao Dukla um empate sem golos, que lhe valeu a classificação para as meias-finais da «Taça dos Campeões Europeus».

No jogo da primeira «mão», disputado em Lisboa, havia sido exactamente o Dukla que conseguira impor o seu sistema, a sua velocidade, o seu «querer». E como, dias depois, defrontaram o Vitória de Setúbal, voltara o Benfica a manifestar falta de capacidade e, sobretudo, de autoridade, havia certa apreensão quanto ao resultado de Praga.

Afinal, o problema foi resolvido exactamente com a mesma solução que anteriormente dera bons resultados: retomou a equipa lisboeta o seu «poder», a sua velocidade, impondo domínio mesmo quando o adversário estava mais ao ataque e obrigando-o a acautelar permanentemente a defesa, já que não desperdiçava a menor ocasião de contra-atacar.

Tudo o resto veio por acréscimo: o Dukla teve de jogar menos do que em Lisboa, os seus avançados não encontraram angulos para o remate, os seus defesas mantiveram-se constantemente em sobressalto — e, se o apito final do árbitro pôs termo às preocupações dos portugueses, não deixou, igualmente de representar um alívio para os checos. E a eliminação ficava resolvida, mercê daquele golo que Coluna conseguira, em Lisboa, nos últimos minutos do encontro da primeira-mão, fixando o resultado em 2-1.

Para o futebol português, é novo motivo de prestígio. Parece que o Benfica, regressando à sua forma habitual de jogar, volta a ter possibilidades de conquistar, pela terceira vez consecutiva, a Taça dos Campeões Europeus — troféu máximo do futebol do continente, ganho nas cinco primeiras temporadas pelo Real Madrid e conquistado nas duas seguintes pelo campeão português.

Ficaram no mesmo dia apurados os outros três clubes que irão às meias-finais — e a um deles designará o sorteio para defrontar o Benfica. São o Milão, que eliminou o Gatasauruy, da Turquia; o Dundee, da Escócia, que começou a carreira afastando o Sporting Clube de Portugal e agora venceu o Anderlecht, da Bélgica; e o Fejernoord, da Holanda, que conseguiu bater o Reims, da França.

Com exclusão do grupo Italiano (que se poderá considerar adversário mais difícil, senão como conjunto, pelo menos como alfobre de grandes valores individuais, como o brasileiro Altafini, que marcou aos turcos três golos seguidos) qualquer dos outros dois serve ao Benfica, para os jogos das meias-finais.

O regresso aos processos de entre-ajuda e de dedicação total ao trabalho da equipa fazem novamente do «onze» português uma «máquina de bom futebol» — e poucas equipas haverá, na Europa que possam opor-se ao campeão português, quando toda a turma trabalha sincronizada.

Quer isto dizer que renascem as esperanças dos adeptos do futebol. E não deixará também de significar, para o próprio clube e para os seus jogadores, que vão entrar novas receitas, que volta a falar-se no grupo, que o nome de Portugal andar novamente nos jornais de todo o mundo.

E, numa época em que tantos, ao falar da nossa terra, fecham os punhos e rangem os dentes, tão grande é a cegueira de uns e a maldade de outros, não se perderá inteiramente, mesmo em aspectos alheios ao futebol, a boa propaganda de uma equipa que é, em si mesma, um exemplo flagrante da confraternização racial de que Portugal é exemplo. Quer queiram, quer não... — ANI

Plano de Formação

Social e Cooperativa

Por despacho do Ministro das Corporações e Previdência Social de 26 de Outubro do ano findo, os condutores de triciclos motorizados são representados pelos Sindicatos Nacionais dos Motoristas dos Distritos em que exercem a profissão.

Exceptuam-se daquele enquadramento, porém os caixeiros de praça e viajantes que, porventura, utilizem motocicletas para o transporte dos seus mostruários, bem como os caixeiros e marçanos que, de vez em quando, vão fazer a distribuição dos artigos vendidos pelas casas dos clientes.

Os profissionais abrangidos

O Benfica, a seis jornadas do termo do Campeonato Nacional de Futebol da primeira divisão, com três pontos de avanço sobre o segundo classificado, que é o Futebol Clube do Porto

A seis jornadas do termo do Campeonato Nacional de Futebol da Primeira Divisão, o Benfica conta um precioso avanço de três pontos sobre o Futebol Clube do Porto, que na vigésima jornada, realizada no domingo, foi empatar a uma bola no campo do Barreirense, depois de estar a perder por 1-0.

Nos outros encontros, os resultados foram os seguintes: Atlético - Benfica, 0-3; Sporting-Lusitano, 2-1; Guimarães-Belenenses, 1-2; Feirense-Académica, 2-1; Vitória de Setúbal-Desportivo da CUF, 1-0; Leixões-Olhansenense, 4-1.

A classificação geral, depois desta jornada, ficou ordenada como se segue:

	Pontos
Benfica,	36
Porto,	33
Sporting,	31
Belenenses,	25
Leixões,	23
Lusitano,	21
Guimarães,	20
Setúbal,	17
Olhansenense,	16
Académica,	16
Barreirense,	13
CUF,	12
Atlético,	10
Feirense,	7

Na segunda divisão, o Varzim aumentou a vantagem sobre os mais directos competidores na Zona Norte e o Seixal mantém-se ao comando da classificação na Zona Sul.

Resultados da jornada de domingo:

Zona Norte: Vianense-Sanjoanense, 1-1; Espinho-

-Sporting de Braga, 1-1; Salgueiros-Boavista, 4-0; Castelo Branco-Leça, 1-1; Oliveirense-Marinhense, 4-1; Académico de Viseu-Covilhã, 1-1; Varzim-Beira Mar, 4-1. Zona Sul: Cova da Piedade-Sacavenense, 1-0; Peniche-Portalegrense, 6-2; Luso-Torreense, 3-1; Montijo-Seixal, 2-1; Silves-Portimonense, 2-1; Farense-Oriental, 1-0; Lusitano de Vila Real-Alhandra, 3-0.

As classificações gerais são agora as seguintes:

Zona Norte:	Pontos
Varzim,	33
Beira Mar,	27
Braga,	27
Covilhã,	27
Oliveirense,	27
Leça,	20
Marinhense,	18
Espinho,	18
Castelo Branco,	15
Sanjoanense,	15
Boavista,	14
Vianense,	14
Académica de Viseu,	13
Salgueiros,	13
Zona Sul:	Pontos
Seixal,	27
Alhandra,	26
Cova da Piedade,	25
Luso,	23
Sacavenense,	22
Torreense,	21
Portimonense,	21
Farense,	21
Montijo,	21
Oriental,	17
Lusitano de Vila Real,	17
Peniche,	17
Portalegrense,	14
Silves,	8

Torneio de classificação na Madeira — Final

Terminou com um empate sem golos o jogo da primeira mão da eliminação final, entre o Nacional e o União, no torneio de classificação para a representação da Madeira na «Taça de Portugal».

Disputa da «Taça Avianca» em Ponta Delgada

A contar para a segunda jornada da «Taça Avianca», o União Micaelense venceu o Micaelense por 5-1, enquanto o Santa Clara e o Marítimo empatavam a uma bola.

O jogo Santa Clara-Operário, da primeira jornada, foi anulado, pelo que vai ser repetido em data a marcar.

Campeonato de Futebol de Angra do Heroísmo

Foram os seguintes os resultados dos jogos disputados a contar para a terceira jornada do Campeonato de Futebol de Angra do Heroísmo:

União-Lusitânia, 2-0; Juventude-Angrense, 0-10; Marítimo-Vilanovense, 3-1.

Agora o Lusitânia, o Angrense e o Marítimo estão com 6 pontos cada, seguidos pelo União com 5.

Torneio de abertura (Futebol) em Lourenço Marques

No jogo de desempate, contar para o «torneio de abertura» de futebol, o Ali Maé venceu o Primeiro de Maio por 2-0.



COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO'

FUNDADA EM 1835

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
A MODELAR

Telefone 62113

Amares

Visado pela C. de Censura